

DOI 10.20396/rap.v16i1.8663574

**OS IMPASSES DA BIOARQUEOLOGIA:
O DIMORFISMO SEXUAL SOB UMA CRÍTICA TRANSFEMINISTA**

Violet Baudelaire Anzini¹

RESUMO

Este artigo problematiza de forma crítica como a arqueologia, em especial, a bioarqueologia trata o material arqueológico, como remanescentes humanos de forma binária, sob uma perspectiva cis-heteronormativa sobre corpos humanos, e assim legitimando todo o *apartheid* de gênero existente na América Latina. O objetivo desse artigo, é mostrar como o dimorfismo sexual é artificial e potencialmente perigoso, quando atravessa desde a interpretação do passado humano até o presente, onde as pessoas trans e intersexo são oprimidas e invisibilizadas em função de uma dismorfia pretenciosa e compulsória. A metodologia aplicada foi a revisão bibliográfica e teórica.

PALAVRAS CHAVE: Bioarqueologia; Dimorfismo Sexual; Transfeminismo; Gênero; Não-binário.

ABSTRACT

This article problematize in a critical view, how archaeology, in particular, the bioarchaeology treats the archaeology record, like humans remnants of biological origin in a binary way, based in a cis-heteronormativity perspective about the human body, and then it had legitimized all the gender apartheid in the Latin America. The objective of this article is show how the sexual dimorphism is artificial and potentially dangerous, when it cross from the human past interpretation up until to the present, where transgender and intersexual people are opressed and invisible for a pretentios and copulsory sexual dimorphism. The methodology applied to this article was the bibliography and theory review.

KEY WORDS: Bioarchaeology; sexual dimorphism; transfeminism; gender; non-binary.

¹ Bacharela em Arqueologia com ênfase em arqueologia do capitalismo pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); mestranda no Programa de Pós Graduação em Arqueologia do Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e artista transfeminista com atuação nas poéticas plásticas, performáticas e audiovisuais. E- mail: violetalexbaudelaire@gmail.com

RESUMEN

Este artículo cuestiona críticamente cómo la arqueología, en particular, la bioarqueología trata el material arqueológico, cómo los humanos de origen biológico permanecen de manera binaria, bajo una perspectiva cis-heteronormativa del cuerpo humano, y legitimando así todo el apartheid de género existente en América Latina. El objetivo de este artículo es mostrar cómo el dimorfismo sexual es artificial y potencialmente peligroso, cuando cruza de la interpretación del pasado humano al presente, donde las personas trans e intersex son oprimidas e invisibilizadas por un dimorfismo sexual pretencioso y compulsivo. La metodología aplicada fue la revisión bibliográfica y teórica.

PALABRAS CLAVES: Bioarqueología; Dimorfismo sexual; Transfeminismo; Género; No binario.

INTRODUÇÃO

Imagine que você está em campo escavando e revela sob a camada arqueológica um esqueleto humano, inúmeras perguntas surgem sobre a vida daquele ser humano, qual era a sua idade, o que ele² fazia, o que comia, como e porque foi enterrado, e qual era o seu sexo. Essa última questão é muito comum e costuma ser priorizada nas análises arqueológicas, pois com base na inferência do sexo é que se costuma fazer diversas outras análises e estudos (HÄMÄLÄINEN, 2020; INGLEZ, 2010). Mas e se durante as análises de dimorfismo sexual do esqueleto, os ossos do quadril inferissem o sexo feminino e os ossos do crânio, como o processo mastoide inferissem o sexo masculino, então qual seria o sexo do esqueleto? E se muitas medidas não puderem ser tomadas para realizar as equações necessárias para inferir sexo, então, como proceder? Questões como estas desafiam a acurácia dos métodos de análise de dimorfismo sexual.

A problemática se amplia, pois, com base em um dimorfismo sexual artificial, é que se constrói uma ideia binária de gênero, forçando as pesquisas arqueológicas induzirem análises binárias onde gênero/sexo são especulativos (HÄMÄLÄINEN, 2020; STRATTON, 2016). Essa perspectiva sob a metodologia e teoria arqueológica é bastante perigosa, pois, legitima uma pretenciosa ideia de que pênis, vagina, homem, mulher, macho e fêmea são categorias universais e transhistóricas. Esse mesmo discurso serve como base para hegemonia da cisgeneridade, que é uma ordem de poder, tal como a branquitude e a

² Pronomes de gênero neutro serão empregados ao longo deste artigo, quando eu não estiver falando sobre pessoas com identidades binárias, ou quando eu estiver falando sobre pessoas que podem ser tanto binárias como não binárias.

heterossexualidade, ambas são fenômenos sociais coloniais extremamente opressivos (VERGUEIRO, 2016).

A América Latina é considerada um lugar muito violento para as pessoas trans, e em especial para as mulheres trans e travestis, por exemplo, aproximadamente 40 % dos assassinatos de pessoas trans em todo mundo acontecem no Brasil, e aproximadamente 97,7% destes assassinatos são contra mulheres trans e travestis, e ainda 82% das vítimas são pretas e pardas (BENAVIDES & NOGUEIRA, 2020). Outros dados também assustam bastante para o Brasil, são referentes às profissões das mulheres trans, onde aproximadamente 90% delas se submetem ao trabalho sexual, e também 72% das mulheres trans não possuem o ensino médio (BENAVIDES & NOGUEIRA, 2020). 2020 já é o 10º ano seguido em que o Brasil permanece no topo de assassinatos contra pessoas trans.

Tais dados revelam a desigualdade de gênero que as pessoas trans enfrentam no Brasil e na América Latina, e por estas razões se diz que vivemos um verdadeiro “apartheid” de gênero na América Latina (JESUS, 2012). Este contexto é reflexo de um processo histórico, por meio do qual as sociedades latino americanas foram construídas ao longo do tempo, deixando resquícios de uma forma de vida social conservadora e colonialista (VERGUEIRO, 2016). Este processo histórico evidencia como as sociedades europeias trouxeram uma forma de vida social³ com uma forte tendência a conservar seus comportamentos e discursos sociais, criando uma forte tendência cultural em resistir ao diferente e ao novo. Dessa forma, a violência baseada na moral e valores das religiões hegemônicas cristãs, pode ser compreendida como uma herança colonial das culturas latinas européias, que trouxeram a cisgeneridade, a heterossexualidade e branquitude para a América Latina e as impuseram para as sociedades que existiram neste continente, de modo a criar e legitimar a hegemonia de uma cisgeneridade compulsória (VERGUEIRO, 2016).

Mas não apenas as cosmologias cristãs legitimaram esse contexto social, a ciência também forneceu base teórica para tornar a cisgeneridade compulsória, e a arqueologia

³Por forma de vida social eu me refiro à cultura, enquanto uma complexa rede de coisas materiais e imateriais, coletivas e individuais que formam uma sociedade.

ajudou e ainda ajuda neste processo, promovendo a exclusão das pessoas trans, não binárias e intersexo ao longo da história da humanidade, sob a perspectiva de uma pretensa ciência neutra e biológica, onde o corpo biológico passa a ser considerado base empírica para a construção de um corpo normal (GOMES et al, 2019; HÄMÄLÄINEN, 2020; JONES, 2014). O que vemos aqui é, na verdade, o desenvolvimento de uma tecnologia corporal chamada “dimorfismo sexual” (LEITE & SANTOS, 2018; PRECIADO, 2018). Este artigo, pretende mostrar como o dimorfismo sexual foi construído e quais são suas limitações para o registro arqueológico, quando uma tecnologia criada no contexto de uma sociedade binária e capitalista é extrapolada para outros contextos sócio-históricos. Tal análise é feita com base em uma breve revisão bibliográfica e teórica de forma interdisciplinar.

DISSOLVENDO AS BASES DO DIMORFISMO SEXUAL

As categorias “homem” e “mulher” não são naturais, logo, é preciso compreender como elas foram naturalizadas na história da sociedade ocidental. Contemporaneamente se costuma justificar a ontologia destas duas categorias, no cientificismo biológico, mas as ideias de “homem” e “mulher” já existiam antes mesmo da biologia moderna se desenvolver. Para LAQUEUR (2001), durante a antiguidade greco-clássica, não existia por exemplo, uma ideia binária de genitália, aquelas sociedades acreditavam que pênis e vagina eram a mesma coisa, porém com formatos invertidos, sendo assim ambas eram chamadas de “períneos” em latim e grego (LAQUEUR, 2001). As ideias do que é ser homem e mulher há mais de 2000 anos antes do presente eram justificadas através de ideias metafísicas nas cosmologias greco romanas, a biologia pouco importava para esta definição (LAQUEUR, 2001).

Este pensamento permaneceu hegemônico durante toda a idade média, alimentado pelas crenças na medicina hipocrática (FOUCAULT, 2014). Mas a partir do século XVII este panorama começou a mudar, a renascença contribuiu para o advento da ciência moderna, e com ela os estudos de anatomia moderna, onde as categorias de pensamento se tornaram cada vez mais binárias. Dentro da cosmologia da sociedade ocidental moderna, o pensamento binário em opostos-complementares, se torna central para a estruturação de toda a cultura moderna (SALERNO, 2006). A ciência nasceu neste berço “cartesiano”, ou seja, observando e construindo o mundo de modo binário ou dualista, sendo que muitas vezes, o mundo não funciona dessa forma, e fazendo de suas premissas, pretensiosas verdades absolutas e universais (LATOUR, 1994).

Assim, a anatomia moderna construiu a ideia de genitálias binárias – pênis e vagina – e as colocou como categorias universais para todas as sociedades em qualquer tempo. Ser homem e mulher não era mais uma questão metafísica, mas sim possuir uma genitália e não outra. Ao longo dos últimos séculos, a biologia moderna foi descobrindo e binarizando o corpo humano a nível micro (cromossomos, genes e hormônios) e a nível macro (genitálias, esqueletos e cérebros) para assim encontrar uma causa empírica para a separação entre homens e mulheres (BENTO, 2016). Esta ciência não apenas legitimou o patriarcado cisheterobranco, como também criou a ilusão de que seres humanos são padronizados dentro deste espectro binário, mesmo que muitas pessoas não se encaixem no binarismo sexual. Dentro da sociedade capitalista moderna, o dimorfismo sexual se tornou uma tecnologia que, além de domesticar as pessoas, ainda gera uma série de produtos biotecnológicos para a modificação corporal, como cirurgias plásticas, hormonioterapias, vestimentas e até brinquedos, em outras palavras, o dimorfismo sexual é uma tecnologia capaz de gerar um lucrativo mercado capitalista opressor, onde as principais vítimas costumam ser as mulheres cis, trans, brancas e pretas (PRECIADO, 2018; CONNELL, 2016).

Mas felizmente, a espécie humana não é tão dimórfica quanto se pensa, pois, estima-se que o grau de dimorfismo sexual para seres humanos é em média de 15 % (INGLEZ, 2010). Embora seja estatisticamente relevante, não é suficiente para afirmar que se trata de um padrão para nossa espécie, sendo assim, qual e como é essa variação? Vimos nos parágrafos anteriores que o sexo binário foi construído há poucos séculos na distinção entre pênis e vagina, este processo, embora visibilize a vagina, ainda exclui as genitálias intersexo. Uma pessoa pode nascer com uma genitália que possua características ambíguas, ou seja, que não é nem vagina e nem pênis. O grau de variação entre uma genitália e outra depende de muitas estruturas anatômicas e questões fisiológicas que podem se mesclar de diferentes formas, em função de diferentes fatores hormonais, genéticos, nutricionais, psicológicos⁴ (FAUSTO-STERLING, 1993 e 2005).

As genitálias possuem a mesma origem embriológica, o que significa que, em até aproximadamente 6 semanas após a gestação, a região⁵ onde a genitália começa a se formar no embrião é ambígua (MIGEON & WISNIEWSKI, 1998). A primeira estrutura a se

⁴ Todos estes fatores sofrem influências culturais, que dependem indiretamente de questões políticas e ideológicas, assim a determinação da anatomia corporal esta intrinsecamente ligada ao contexto sócio-histórico no qual as pessoas se inserem.

⁵ Essa região se chama crista gonadal.

formar costuma ser o testículo e/ou o ovário, para que isso aconteça, determinados genes precisam ser ativados, e células, proteínas e hormônios específicos precisam ser produzidos e entrar em ação. Este processo é muito complexo e delicado, hormônios e genes sofrem influência de fatores externos às células, como fatores nutricionais e tensões biomecânicas, o que pode fazer com os níveis hormonais se alterem e que os genes sejam mutados, ativados ou desativados por processos de metilação⁶, translocação⁷ etc. (MUKHERJEE, 2016; FAUSTO-STERLING, 2005; MIGEON & WISNIEWSKI, 1998). Em resposta a diversidade destes fatores citogenéticos, a gônada cristal pode vir a formar uma genitália intersexo, ou um embrião com cariótipos sexuais XX pode desenvolver um pênis, e vice versa. Por esta razão, se costuma convencionar que há entre 5 ou mais possibilidades de genitálias para a espécie humana (FAUSTO-STERLING, 1993).

Outro ponto que está diretamente relacionado são os cariótipos sexuais, quando eles foram descobertos em meados do século XX, se convencionou que mulheres teriam cromossomos sexuais XX e homens teriam XY. Mas existe uma variabilidade de até 10% de que uma pessoa possa ter cromossomos não binários, como XXX, XYX, X, XXY, XXXX etc (MUKHERJEE, 2016; BUTLER, 2018). Algumas destas variações podem implicar em problemas de saúde, mas isso não quer dizer que elas sejam anormais, pois, pessoas com cromossomos XX e XY também podem desenvolver problemas de saúde em função de seus cariótipos sexuais (MUKHERJEE, 2016). Além disso, ter cromossomos XX não garante que um indivíduo desenvolva uma vagina, assim como cromossomos XY também não garantem um pênis (MIGEON & WISNIEWSKI, 1998). Cromossomicamente não faz nenhum sentido separar as pessoas entre macho e fêmea, afinal de contas, este apontamento destaca que o material genético não deve ser visto como determinador das características fenotípicas, mas sim como um dos vários fatores reguladores delas (FAUSTO-STERLING, 2005).

Assim como o material genético e as genitálias foram binarizadas, aconteceu o mesmo com os hormônios e o esqueleto. Se costuma dizer que hormônios como estrogênios são femininos e que hormônios como a testosterona são masculinos, em

⁶ Significa que uma proteína de grupo metil envolve uma ou mais partes do DNA, ativando ou desativando um ou mais genes.

⁷ Quando um gene em específico é passado de um cromossomo para outro, por exemplo, quando o gene SRY comumente encontrado no cromossomo sexual Y é retirado do cromossomo Y e realocado no cromossomo X.

função de seus efeitos no corpo. Se estabeleceu um limite padrão da quantidade na qual mulheres cis precisariam ter de estrogênio, e homens cis de testosterona. Mais uma vez a endocrinologia falha ao colocar estes hormônios de modo binário. Homens cis podem ter testosterona baixa e mulheres cis podem ter estrogênio baixo (FAUSTO-STERLING, 2005). Isso na verdade, é comum, tanto homens cis quanto mulheres cis produzem estrogênio e testosterona, uns mais que outros. Apesar disso, é importante levar em consideração que o sistema endócrino não é um conjunto de hormônios estáticos e pré-determinados, mas sim um sistema onde os níveis hormonais variam e flutuam entre picos ao longo da vida de uma pessoa, e que sofrem influências nutricionais (FAUSTO-STERLING, 2005). Logo, é importante pensar como os costumes alimentares influenciam na produção de hormônios e no corpo de modo geral, por exemplo, o consumo de carne vermelha e laticínios aumenta os níveis de hormônios andrógenos no corpo (CZORNY, et all, 2017).

This feminist systems account embeds the proposed subsystems within the dimensions of gender, socioeconomic position, and culture. Consider the diet system. Generally, of course, diet is shaped by culture and subculture, including race and ethnicity.... But gender further influences diet. (FAUSTO-STERLING, 2005, p. 1515)

Considerando os apontamentos de FAUSTO-STERLING (2005), devemos lembrar como os hábitos e costumes alimentares são atravessados por questões simbólicas e ideológicas que estruturam as formas de vida social. A autora questiona a prevalência da incidência da osteoporose em mulheres cis, ao apontar que os estudos realizados sobre esse tema, costumam associar a osteoporose à menopausa, ao estrogênio e a fraturas ósseas, quando, muitas lacunas são observadas nessas afirmações. A primeira a ser observada é que, nem toda fratura resulta de uma osteoporose, e às vezes essa informação não é evidenciada nos estudos clínicos, alterando a real interpretação sobre a causa da fratura. Em segundo lugar, deve-se destacar que as alterações hormonais dependem de muitos fatores, e diversos hormônios atuam na formação e manutenção da massa óssea além do estrogênio e da testosterona, assim, a osteoporose não pode ser explicada apenas se pensando nos níveis de estrogênio, pois, diversos outros fatores influenciam na perda ou ganho de densidade mineral óssea, como por exemplo, os níveis de vitamina C, entre outras, e as tensões mecânicas causadas pelo estímulo de atividades físicas.

Since estrogen codes in most people's minds as a quintessentially female molecule, it becomes extraordinarily difficult to conceptualize osteoporosis as a disease with many contributors stretching over the entire life cycle. (FAUSTO-STERLING, 2005, p. 1508)

Portanto, FAUSTO-STERLING (2005) chama atenção para as influências culturais sobre a formação de um suposto dimorfismo sexual sob a densidade mineral óssea. Mulheres cis não são naturalmente mais propensas a desenvolver osteoporose, elas são culturalmente/nutricionalmente estimuladas à hábitos culturais que favorecem à perda de densidade mineral óssea, em função de uma cultura patriarcal com estereótipos estéticos machistas, onde, ao contrário dos homens cis, nós mulheres somos menos estimuladas para a práticas de exercícios físicos e à uma alimentação saudável. Somos pressionadas para a atingir padrões corporais-estéticos onde nossos corpos têm que atingir a expectativa de um corpo hiper-feminino, magro, sem músculos, fraco e indefeso. Assim sendo, mulheres que praticam exercícios e cuidam da alimentação assim como homens cis, tem a mesma probabilidade de desenvolver osteoporose quanto homens cis. (FAUSTO-STERLING, 2005).

Se o corpo biológico é construído biopsicossocialmente, ao fazerem análises de dimorfismo sexual em ossos, pesquisadores não estariam impondo padrões de construção biológica óssea para contextos onde os padrões podem ser significativamente diferentes? O que quero dizer é, será que, em uma sociedade que, em hipótese, não tenha um sistema de gênero binário, talvez não estimule a produção de corpos sexualmente dimórficos do ponto de vista osteológico e hormonal, o que significa dizer que sexo não apenas é construído metafisicamente, mas também é construído fisicamente. Seguindo esta lógica, se uma sociedade que constrói identidades binárias em função da diferença socialmente percebida das genitálias, poderia produzir populacionalmente corpos significativamente dimórficos, ou seja, sexo é um fenômeno autopoietico, pois ele mesmo permite criar padrões de gênero capazes de legitimar padrões biológicos para os corpos. Portanto, não podemos utilizar coleções de referências feitas em sociedades binárias para assignar sexo em sociedades que não sabemos se eram, de fato, binárias.

OS ESQUELETOS TRANSFEMINISTAS

Após todos os apontamentos acima, toda a arqueologia baseada no dimorfismo sexual está fortemente equivocada. Muitos pontos podem ser levantados sobre estas análises, a respeito das coleções de referências, aos métodos e teoria aplicados. É muito comum que muitos esqueletos tenham o sexo não assignado ou assignado como

indeterminado, isso acontece por três fatores principais: as vezes não é possível inferir o sexo por que as equações empregadas nos métodos geram resultados e medidas ambíguas; outras vezes o grau de preservação dos esqueletos se encontra muito deteriorado, impedindo que muitos ossos sejam analisados, seja por sua ausência ou seja pelo grau de deterioração ou perturbação anatômica; em outras vezes, os esqueletos tem sua idade estimada em uma faixa etária muito jovem, como recém-nascidos por exemplo (INGLEZ, 2010; JONES, 2014).

Também deve-se levar em consideração que há diferentes métodos propostos para realizar a inferência do sexo através de análises osteológicas, que variam do conjunto de ossos, medidas e equações analisadas, e possuem diferente acurácias.

Das diferentes acurácias, muitas vezes observou-se que em um mesmo método, as diferentes funções (que acabam por considerar diferentes porções anatômicas) e traços, nem sempre acabam por assignar o mesmo sexo para o mesmo esqueleto. (INGLEZ, 2010, p. 45.)

INGLEZ (2010) aponta à paradoxal relação entre os diferentes métodos utilizados, ela os aplicou as coleções de referência e à a coleções do LEEH – ICB da USP⁸, e testou 5 dos principais métodos utilizados para a inferência do sexo através dos ossos.

Nenhum dos métodos possui acuraria de 100% para a inferência do sexo, e além disso, a acurácia varia de pesquisadoru para pesquisadoru, havendo assim, uma margem de erro bastante relativa, sendo que um mesmo esqueleto pode ter diferentes sexos assignados em função de diferentes métodos, o que causa um grande desconforto, visto que estas análises costumam especular um sexo binário para os esqueletos ambíguos ou os excluí das análises (STRATTON, 2016; HÄMÄLÄINEN, 2020).

It is important to bear in mind that the pelvis, which is seen as being universally dimorphic, can in fact be more ambiguous, which is why its analysis in terms of sex may prove to be more challenging than often thought. This is because methods formulated after modern populations may not take into account that activity patterns of people in the past may have significantly varied in terms of intensity, which can affect muscle-attachment points altering the formation of the pélvis. (HÄMÄLÄINEN, 2020, p. 34)

⁸ Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de São Paulo.

Por que os esqueletos ambíguos são excluídos ou tem um sexo especulado? Por que a arqueologia não consegue lidar com a ambiguidade? Por que ela não pode ser compreendida como algo intencional ou relevante? O que fazer com os esqueletos que não são dimórficos? A arqueologia geralmente não consegue conceber a ideia da não binariedade, dos gêneros fluídos e ambíguos, por isso mesmo, ela não consegue pensar os esqueletos deste modo, pois, querendo ou não, sexo foi construído de modo binário. As coleções de referências e os métodos não conseguem pensar além dessa cis-hetero-binariedade compulsória, e se começamos as análises de forma binária, como o dimorfismo sexual, acabamos por induzir o resultado final à uma perspectiva binária intencional (STRATTON, 2016). Isso reflete como a arqueologia invisibiliza corpos intersexo e identidades de gênero não binárias, criando falsas binariedades no passado da humanidade e ignorando a diversidade de identidades de gênero no mundo contemporâneo, enquanto potenciais dados etnoarqueológicos (HÄMÄLÄINEN, 2020).

Talvez por isso, seja interessante mudar a forma como pensamos sobre os esqueletos, ao invés de falhar ao classificar os esqueletos em dois polos binários de macho e fêmea, especulando uma falsa binariedade, devemos começar a pensar nos esqueletos como um mosaico de características que foram convencionadas como macho e fêmea, e procurar desenvolver metodologias que, ao invés de buscar por um dimorfismo sexual, proponha estudar um POLIMORFISMO sexual com acurácias altas para o esqueleto humano, do mesmo modo como já se tem pensado para as genitálias, para o sistema endócrino, para os cariótipos sexuais e para o cérebro (FAUSTO-STERLING, 1993; JOEL & FAUSTO-STERLING, 2015)⁹. Isso apenas nos ajuda a identificar a anatomia das genitálias e sua diversidade, mas ainda não diz se essas genitálias foram relevantes ou não para a construção de identidades de gênero em sociedade humanas passadas e contemporâneas.

A afirmação anterior é muito importante, pois, embora se compreenda que sexo e gênero são as mesmas coisas em nossa sociedade, não podemos tomar esta lógica como universal para todas as sociedades. Apenas em meados do século XX que a palavra “gênero” passou a ser utilizada para se referir às identidades das pessoas (PRECIADO, 2018); antes disso, gênero era utilizado no sentido de classificação das coisas no mundo, classificando as coisas em função de uma origem em comum entre elas. Antes do século

⁹ Eu particularmente não sei como fazer isso, mas deixo esta proposta para futuras abordagens.

XX, a palavra sexo começou a ser empregada para falar das identidades das pessoas, era uma perspectiva construída pela ciência moderna, afim de dizer que ser homem e ser mulher era correspondente à um sexo biológico, trazendo assim uma causa material e científica para explicar a separação binária entre homens cis e mulheres cis (BENTO, 2018). Ao longo da primeira metade do século XX, as feministas das duas primeiras ondas do movimento feminista, resolveram empregar o uso da palavra gênero para se referir aos aspectos associados ao sexo que eram construídos socialmente, enquanto que sexo se referiria apenas às partes biológicas convencionadas como naturais, mas o comportamento humano, dito na época como temperamento ou papel de gênero, passou a ser visto como construídos. Esse discurso forneceria às mulheres cis, força para combater o patriarcado, mas ao mesmo tempo alimentou a binariedade cisgênera e sua hegemonia, solapando os ideais emancipatórios do feminismo (BUTLER, 2018).

Como vimos ao longo deste artigo, até mesmo sexo é construído e artificial, por isso que, desde a terceira onda do feminismo, que surge a partir da década de 1980, sexo e gênero passaram a serem vistos como a mesma coisa, Judith Butler (2018) chamou esse sistema por “sexo-gênero”. Em nossa sociedade ambos foram construídos com base numa ideia binária e cisheteronormativa, por isso, não faz sentido separar um do outro. Mas não sabemos se em todas as sociedades do mundo, essas duas construções existem deste modo, talvez não existiram, ou talvez existiram, mas não eram binárias (HÄMÄLÄINEN, 2020). É importante sempre ressaltar que, as vezes, as genitálias são socialmente percebidas e perpassam por um processo cognitivo e social de interpretação e construção de categorias de pensamento, que podem ser ou não binárias, e que às vezes podem construir as identidades das pessoas, mas isso não é uma verdade absoluta. A ciência arqueológica tem que estar preparada para testar esta hipótese, pois às vezes, procuramos por genitálias que não eram relevantes para os grupos humanos que estudamos, e acabamos por extrapolar nossas interpretações contemporâneas para sociedades passadas.

Quando esta distinção é feita, caímos em armadilhas, como pensar que cisgeneridade e transgeneridade são universais, por exemplo, um estudo realizado por Jan Turek (2016) na República Tcheca, investigou a construção de gênero nas culturas Corded Ware e Bell Beaker, que existiram durante o neolítico tardio, na famosa era do bronze. Turek observou que, as culturas materiais encontradas junto ao contexto dos enterramentos, permitiam observar dois padrões de enterramento, que diferem em função

da posição dos esqueletos na cova, a orientação do esqueleto em relação ao norte, sul, leste e oeste, e do tipo de objeto enterrado junto ao esqueleto. Um dos padrões que continham ferramentas de caça e luta foi associado a esqueletos assinados enquanto machos, e o outro padrão que continha vasilhames foi associado a esqueletos assinados enquanto fêmeas. Apesar disto, alguns esqueletos considerados “machos” eram encontrados no outro padrão, e vice versa. Acreditando que o sexo e gênero eram as mesmas coisas, mas que um é construído e outro natural, Turek realizou análises cromossômicas para assignar o sexo molecular dos esqueletos, assim, ele definiu esqueletos XX enquanto fêmeas e esqueletos XY enquanto machos. Tal técnica, permitiu perceber que haviam pessoas de ambos os cromossomos enterradas em ambos os padrões de enterramento. Sua conclusão foi a de que existiam pessoas trans naquelas culturas. Apesar de muito interessante, não há garantia de que esqueletos com cromossomos XX tenham vaginas, ou que esqueletos com cromossomos XY tenham pênis, o que pode-se ser considerado um furo interpretativo nas análises de Turek, apesar disso, ele ainda evidencia como as práticas de enterramento, e talvez de gênero, em Corded Ware e Bell Beaker eram fluídas.

HÄMÄLÄINEN (2020) realizou uma crítica similar à um estudo de 2017 intitulado “A female Viking warrior confirmed by genomics’ (Hedenstierna-Johnson et al. 2017). Trata-se de um estudo sobre um enterramento da era viking na região de Birka na Suécia, onde se utilizou análises cromossômicas para identificar os cariótipos sexuais de um esqueleto, que havia sido classificado enquanto “uma guerreira”, em função dos artefatos encontrados junto ao esqueleto. As análises cromossômicas foram empregadas para confirmar se o esqueleto era realmente “fêmea”. Mas HÄMÄLÄINEN (2020) discorda desta afirmação, segunda ela, gênero não pode ser inferido a partir de análises de dimorfismos sexual a nível micro e nem a nível macro, na verdade, ela propõe que este caso seja visto como um exemplo de ambiguidade intencional, ou de um possível sistema de identidades de gênero fluídas, e ao que tudo indica, existem muitos casos como este em culturas do neolítico tardio na Europa, indicando que provavelmente, os gêneros binários estáticos começaram a ser construídos a menos de 3000 anos antes do presente para as sociedades europeias (HÄMÄLÄINEN, 2020).

Um outro estudo muito interessante que questiona a construção de sistemas binários através da arqueologia, é o estudo realizado por Susan Stratton (2016), ela aplicou estatística multivariada para investigar gênero em um cemitério no sítio arqueológico de

Durankulak na costa do mar negro na Bulgária, o sítio apresenta diversos sepultamentos bem preservados datados do neolítico tardio, e muitos artefatos feitos em cobre associados aos enterramentos. As análises de estatística multivariadas permitiram cruzar diferentes categorias de dados e observar padrões através da sobreposição de grupos de dados em um diagrama de dispersão, sem excluir os esqueletos que haviam tido o sexo assignado como indeterminado. A sua análise permitiu perceber mais de dois padrões ocorrendo entre os sepultamentos, independente do sexo atribuído aos indivíduos, apontando que provavelmente a dinâmica de identidade de gênero naquele grupo não era binária. Stratton (2016) denuncia como o dimorfismo sexual induz à uma falsa binariedade no registro arqueológico, e aponta para novas possibilidades.

CONCLUSÃO

O dimorfismo sexual não pode mais se sustentar na arqueologia, precisamos procurar novas metodologias diante de um aporte teórico transfeminista, que busque olhar para o corpo, para o passado, e para as sociedades humanas sem pressupor que o binarismo é um padrão hegemônico e trans histórico, pois cada vez mais, descobrimos como o corpo humano é um mosaico de formas, revelando a diversidade da natureza humana (JOEL & FAUSTO-STERLING, 2015). Precisamos compreender como e quando a binariedade cisheteronormativa se constitui e se legitima, para então destruir seus mecanismos e tecnologias opressoras, como o dimorfismo sexual. Somente assim, podemos construir uma ciência comprometida com a diversidade dos fenômenos e direitos humanos.

A arqueologia não pode mais continuar legitimando o binarismo, porque ele mata pessoas todos os dias. Deixo aqui, as últimas palavras de um artigo que não apenas se propôs a questionar e abalar as bases do dimorfismo sexual, mas, como um desabafo de uma travesti muito ferida, também apontar novos caminhos a seguir, ainda incertos e inseguros, somos poucas pessoas trans atuando na arqueologia. Escrevo estas palavras, na esperança de que no futuro, possamos olhar para o passado de modos mais diversos, fluídos e humanos, pois no contemporâneo, vidas dependem do que dizemos sobre o passado, pessoas trans, em especial mulheres trans e travestis pretas e brancas, são tratadas como a escória da humanidade e varridas para uma solidão esmagadora e abjeta. Eu espero que nossas pesquisas sejam capazes de reparar essa violência historicamente legitimada pelo discurso científico, visibilizar a diversidade dos fenômenos de gênero no

passado e tornar o futuro um lugar mais humano para as mulheres trans, homens trans, e pessoas trans não binárias.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Berenice. **Disforia de gênero**: geopolítica de uma categoria psiquiátrica. Revista Direito e Práxis, vol. 7, núm. 15, 2016,

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAPP, Thais Torralbo Lopes. **Análise da Variabilidade Métrica dos Parâmetros de antropologia forense para estimativa de sexo de duas populações**: escocesa e brasileira. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Ciências Odontológicas. Universidade de São Paulo, 2017.

CZORNY, Rildo, S. N; PINTO, Maria H; POMPEO, Daniele A; BARETA, Denise; CARDOSO, Luciane V. SILVA, Dorival M. **Fatores de risco para o câncer de próstata**: população de uma unidade básica de saúde. IN: Cogitare Enferm. (22)4: e 51823, 2017

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**; Tradução Marília Moschkovich. São Paulo, n.Versos, 2016.

FAUSTO-STERLING, Anne. **The Five Sexes**: Why Male and Female Are Not Enough: In: The Sciences March/April 1993, p. 20-24

FAUSTO-STERLING, Anne. **The Bare Bones of Sex**: part 1—sex and gender. In: Signs: Journal of Women in Culture and Society, vol. 30, no. 2. 2005.

FIGUERA, Tyane M. ZIGELMANN, Patrícia K., SILVA, Thais R., SPRITZER, Poly Mara. **Bone Mass Effects of Cross-Sex Hormone Therapy in Transgender People**: updated systematic review and meta-analysis. Journal of the Endocrine Society. | Vol. 3, Iss. 5, may 2019.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**: a vontade do saber. V1. Ed. 9. Brasil: Editora Paz & Terra, 2014.

GOMES, Khala., TAVARES, Natália. O., & SOUZA, Newan. A. O. **Arqueologia e Teoria Queer**: por uma arqueologia transviada. In: Rev. Arqueologia Pública, V. 13, N. 1, Campinas, SP. 2019.

HÄMÄLÄINEN, Rinna. **Gender Matters**: materialcultural theory of sexgender in mortuary archaeology. Dissertação de Mestrado: Degree Programme Master's Programme in Cultural Heritage. Digital Repository of the University of Helsinki. Sweden, 2020.

HEDENSTIERNA-JONSON, C., KJELLSTRÖM, A., ZACHRISSON, T., KRZEWIŃSKA, M., SOBRADO, V., PRICE, N., GÜNTHER, T., JAKOBSSON, M., GÖTHERSTRÖM, A. & STORÅ, J. **A female 93 Viking warrior confirmed by genomics**. In: American journal of physical anthropology, vol. 164, no. 4, pp. 853–860. 2017

INGLEZ, Mariana. **Avaliação de métodos métricos e não-métricos para atribuição de sexo em esqueletos humanos**. Monografia de Graduação. Centro de Ciências Biológicas. Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2010.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Feminismo e Identidade de Gênero**: elementos para a construção da teoria transfeminista. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

JOEL, Daphina., FAUSTO-STERLING, Anne. **Beyond sex differences**: new approaches for thinking about variation in brain structure and function. In: Phil. Trans. R. Soc. B. 2015

JONES, Greyson. **Not a Yes or No Question**: critical perspectives on sex and gender in forensic anthropology. Dissertação de mestrado: Department of Sociology, Anthropology, and Criminology, University of Windsor. Canada, 2014.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos à Freud. tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**: ensaio de antropologia simétrica. tradução de Carlos Irineu Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994

LEITE, André F. S. SANTOS, Claudiene. **Tecnologias de Gênero e Magia**: hormonioterapia e as experiências de vida de mulheres trans*. In: ex æquo, n.º 38, 2018, pp. 83-94.

MUKHERJEE, Siddihartta. **O Gene**: uma história íntima. 1ª ed. Brasil: Companhia das Letras, 2016.

PRECIADO, Paul. **TESTO JUNKIE**: sexo, drogas e biopolítica na era Farmacopornográfica. Madri, Espanha, 2018.

SALERNO, Melissa A. **Arqueología de la Indumentaria Prácticas e Identidad en los Confines del Mundo Moderno** (Antártida, siglo XIX). - 1a ed. - Buenos Aires: Del Tridente, 2006.

STRATTON, Susan. **“Seek and you Shall Find” How the Analysis of Gendered Patterns in Archaeology can Create False Binaries:** a case study from durankulak. In: J Archaeol Method Theory 23:854–869, 2016.

TUREK, Jan. Sex, **Transsexuality and Archaeological Perception of Gender Identities.** In: Archaeologies: Journal of the World Archaeological Congress 2017

VERGUEIRO, V. **Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial.** In:

MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero [online]. Salvador: EDUFBA, pp. 249-270, 2016.

MIGEON, Claude J., WISNIEWSKI Amy B. **Sexual Differentiation:** From Genes to Gender. In: Horm Res; 50:245–251. 1998.

Recebido em: 11/12/2020

Aprovado em 15/05/2021